



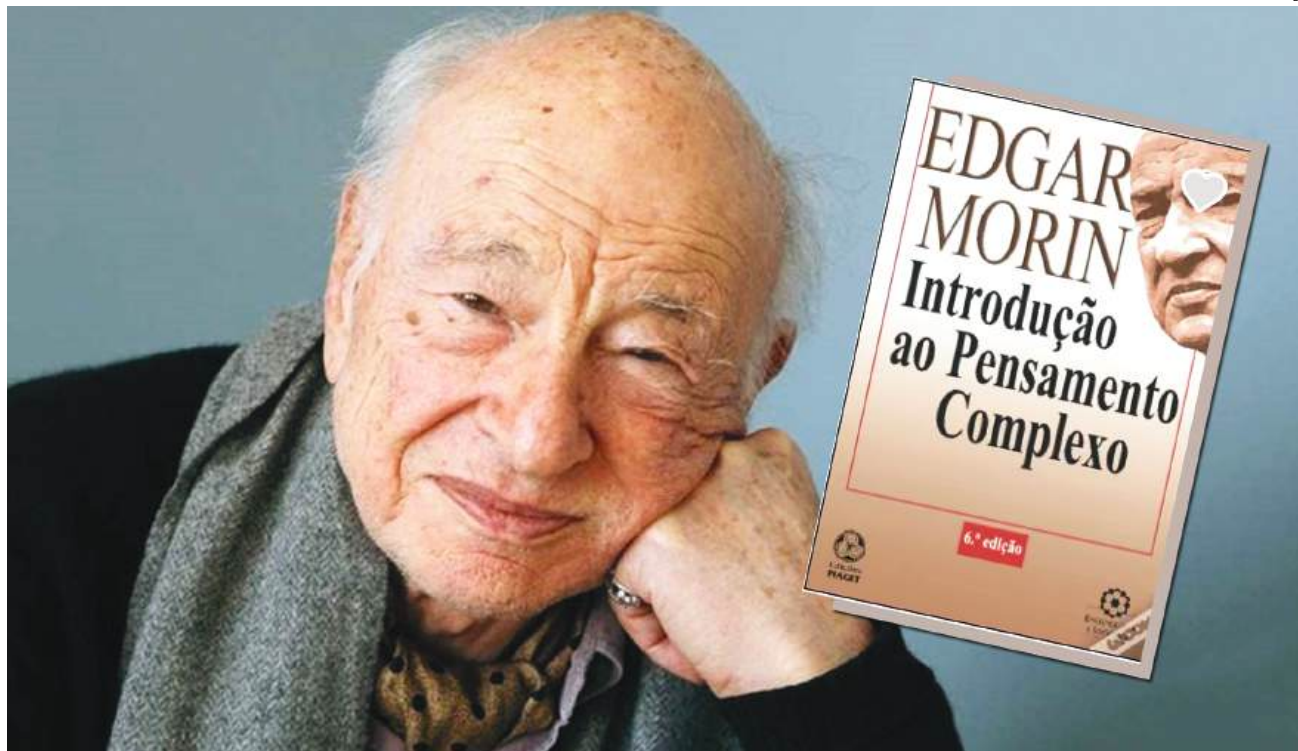
Hélder Simbad*

O objectivo desta matéria é explicar como a teoria da complexidade, desenvolvida por Edgar Morin no livro “*Introdução ao Pensamento Complexo*”, pode explicar a natureza da Crítica Literária.

É difícil ler e interpretar uma obra literária? É que quando pensamos em Crítica Literária, por tudo que a tradição académica nos apresenta como proposta teórica e crítica, pensamos logo em algo complexo e difícil. Não será em vão, por exemplo, que Guerrero (1996, p.16) a conceba como uma “actividade complexa e difícil que requer o uso de instrumentos adequados que facilitam a exposição de explicações claras e coerentes, e a formulação de juízos sólitos e assertivos”. Estes instrumentos sobre os quais Guerrero (1996) se refere são a Teoria da Literatura e o domínio, ainda que meio que superficial, das humanidades e de outros campos categoriais, porque a obra literária é multidimensional e nela somos capazes de encontrar conteúdos que podem ser analisados à luz de qualquer ciência, transformando o exercício crítico-literário num campo interdisciplinar.

O que liga o livro de Edgar Morin à crítica literária é a palavra complexidade que, de acordo com o que constatou Morin (2005, p.5), “não tem por trás de si uma nobre herança filosófica, científica ou epistemológica”, trazendo em sua carga semântica significados como confusão, incerteza e desordem. Para o autor, “é complexo o que não pode se resumir numa palavra-chave, o que não pode ser resumido a uma lei nem a uma ideia simples” (p.5), por isso, entre outras razões, a qualidade da nossa crítica.

Em termos historiográficos, para quem se dedicou a ler Filosofia e acompanha os meandros da Ciência, sabe que os saberes científicos primitivos estiveram copulados, adoptando a perspectiva do filósofo espanhol Gustavo Bueno, em um único campo categorial, que é a Filosofia, e, posteriormente, tendo-se verificado comportamentos de certos fenómenos, começaram a se deslocar e, hoje, gozam de certa autonomia, constituindo-se como Ciências com específicos objectos de estudo. Na verdade, queremos com isto dizer, que as ciências estão sempre em expansão, resultando em saberes novos que se vão integrando em



COMPLEXIDADE DA CRÍTICA LITERÁRIA

Da teoria do Pensamento Complexo de Edgar Morin

É comum, na Sociedade Angolana, encontrar indivíduos formados em Ciências Exactas, com uma retórica precária e, muitas vezes, com dificuldades para conversar sobre questões sociais e culturais; tão normal como encontrar juristas ou investigadores policiais que não gostem de Literatura quando vários clássicos da literatura mundial e livros nacionais os podem guiar no seu exercício...

certos espaços conceptuais já existentes ou, com saberes já existentes em outros campos categoriais, propiciarão a criação de uma nova ciência.

É interessante dizer, para os que defendem a superioridade das ciências consideradas exactas sobre as humanas e sociais, que este comportamento é transversal a todos os saberes. Campos categoriais como a Termodinâmica e Psicologia das Organizações, por exemplo, são resultados de estudos desenvolvidos dentro de campos até então considerados fechados. Entretanto, é importante referir, que o princípio que norteia esta divisão de saberes consiste na eliminação da aparente complexidade que existe na amplitude da unicidade dos saberes. É em reacção a esta atitude pedagógica que nasce a obra “*Introdução ao Pensamento Complexo*” do antropólogo, sociólogo e filósofo francês Edgar Morin (2005), que critica acerrimamente os projectos da pedagogia da simplicidade que vê a complexidade como uma palavra-problema, e não uma palavra-solução.

Daquilo que pudemos depreender de Morin (2005), estes modos simplificadoros de conhecimento mutilam mais os estudantes, pois não são capazes de explicar verdadeiramente os fenómenos na sua essência, produzindo mais cegueira do que lucidez. Para a emancipação do pensamento complexo, Edgar

Morin sugere duas sugestões: a primeira consiste em deixar de acreditar que “a complexidade conduz à eliminação da simplicidade” (Morin, 2005, p.6); a segunda tem que ver com a confusão que se faz entre complexidade e completude. Na verdade, a essência do Pensamento Complexo não é uma ligação total dos saberes, mas sim, “dar conta das articulações entre os campos disciplinares que são desmembrados pelo pensamento disjuntivo (um dos principais aspectos do pensamento simplificador): este isola o que separa, e oculta tudo o que religa, interage, interfere. Neste sentido, o pensamento complexo aspira ao conhecimento multidimensional. Mas ele sabe desde o começo que o pensamento completo é impossível”. (Morin, 2005, p.6)

A Teoria do Pensamento Complexo não é algo de todo, novo. É, na verdade, uma ideia que podemos igualmente depreender de um princípio filosófico de Platão conhecido como *symploké*, que em português significa “simplético”, concentrando em si a ideia de ligação e simplicidade. De acordo com Platão (citado por Maestro, 2017, p.111), se “tudo estivesse conectado a tudo, ou se nada estivesse conectado a nada, o conhecimento seria impossível”.

Percebendo os desideratos da Teoria da Complexidade, torna-se inconcebível o desenvolvimento de uma crítica

literária longe da Teoria da Complexidade, mesmo quando entendida na sua essência de abordagem valorativa do fenómeno literário, pois, tal como postula Benjamin Constantino (como citado por Maestro, 2017, p.111), “a literatura tem a ver com tudo. Não pode ser separada da política, religião e da moral. É a expressão das opiniões dos seres humanos sobre todas as coisas. Como tudo na natureza, é ao mesmo tempo efeito e causa”. Por conseguinte, por sua multidimensionalidade, e a tradição crítica prova, a Literatura não é só analisada à luz das teorias e conceitos literários. Política, religião e moral são assuntos transversais que podem ser analisados em diferentes espaços conceptuais, ligados às humanidades e às ciências sociais. Em virtude disso, a literatura não pode ser descrita ou analisada como um fenómeno isolado dependente exclusivamente da teoria da literatura, pois, como adverte Maestro (2017), os artífices da obra literária objectivam nela ideias, passíveis de serem analisadas racionalmente, à luz de qualquer ciência, dependendo do conteúdo.

Por conseguinte, quem analisa um romance psicológico, para além da Teoria da Literatura, que é, nos termos de Maestro (2017), o conhecimento conceptual dos materiais literários e a crítica um conhecimento de segundo

grau que só se torna realizável mediante os conhecimentos de primeiro grau, tem de ler os conceitos essenciais de Psicologia e teorias comportamentais; consultar o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais na sua versão mais actualizada, havendo necessidade de analisar e classificar o comportamento de determinada personagem. Se for uma obra voltada à cultura de um povo, deve arranjar forma de operar com conceitos-chaves de antropologia e estudar as características de tal povo. Só assim interpretará da melhor forma a Ku-vale de Aníbal Simões ou as poesias de David Capelenguela voltadas ao universo do Sul.

Quer-se com isso dizer, que, para uma leitura crítica ou académica – deixando de lado a Teoria da Literatura, a disciplina que explica conceptualmente a literatura, portanto, imprescindível – a obra apontará sempre para uma ciência que seja capaz de explicar a totalidade da obra, ou para várias ciências, dependendo das particularidades dos fenómenos que eventualmente possam ocorrer dentro da obra.

Nestes termos, a teoria literária de religação, longe das práticas monistas das escolas formalistas e recepção literária, seria o materialismo filosófico, o tratado filosófico-literário conhecido como Materialismo Filosófico como Teoria, Crítica e

Dialéctica da Literatura, desenvolvido em mais de três mil páginas, elaborado pelo Crítico espanhol Jesus G. Maestro, inspirado na filosofia materialista de Gustavo Bueno, principalmente na “Teoría Del Cierre Categorial”, que tem *symploké* (o conhecimento ligado) como um dos seus principais postulados e entre os seus pilares.

Importa referir que este processo de sistematização receando o Pensamento Complexo, iniciado na Grécia, também afectou as artes, anteriormente ligadas, e hoje cada vez mais pobres. Por consequência, temos muitos actores de teatro que nunca leram uma obra literária, cantores que detestam poesia, poetas que nunca foram a uma sala de teatro, porque são incapazes de perceber que a interdisciplinaridade é crucial para a riqueza das suas experiências artísticas.

Esta pobreza, derivada do pensamento disjuntivo, não se restringe às artes. Mesmo em termos de academia, é comum, na Sociedade Angolana, encontrar indivíduos formados em Ciências Exactas, com uma retórica precária e, muitas vezes, com dificuldades para conversar sobre questões sociais e culturais; tão normal como encontrar juristas ou investigadores policiais que não gostem de Literatura quando vários clássicos da literatura mundial e livros nacionais os podem guiar no seu exercício; igualmente comum encontrar estudantes e indivíduos ligados à literatura que não sabem que as obras literárias ajudam a compreender a sociedade que o envolve e, muitas vezes, o maltrata.

Em vista de tudo o que foi dito, importa dizer, que o pensamento complexo, baseado na ideia de religação dos conteúdos, na defesa da interdisciplinaridade, constitui uma necessidade e não um problema e que, sobretudo na Crítica Literária, o pensamento complexo é imprescindível. Um Crítico Literário é, por essência, um sujeito com uma dimensão enciclopédica e o pensamento disjuntivo praticado na academia é a razão da fragilidade de uma crítica, que precisa ser rigorosamente dialéctica, e consequentemente dos críticos angolanos, que não compreendem a multidimensionalidade da obra literária.

¹Vide. Teoría Del Cierre Categorial

***Professor, escritor e crítico literário**

Referências Bibliográficas
Guerrero, J.A.H. (1996). *Teoria e Prática do Comentário Literário*. Cadiz: Serviços de Publicações da Universidade de Cadiz.

Maestro, J. G. (2017). *Crítica de la Razón Literaria: El Materialismo Filosófico como Teoría, Crítica y Dialéctica de la Literatura*. Vigo: Editorial Academia del Hispanismo.

Morin, E- (2005). *Introdução ao Pensamento Complexo* (Lisboa, E. Trad.). Porto Alegre: Editora Sulina